

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Escudo de porte
Anno ou 24 numeros 28000 | Trimestre ou 6 numeros 8000
Semestre ou 12 numeros 18000 | N.º avulsos ou pago à entrega 8120
ESTRANGEIRO
Anno ou 24 numeros 38000 | Semestre ou 12 numeros 18500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 11

1 DE JUNHO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, Rua do Loreto, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Os ultimos amores de Goethe, por D. MARIA AMALIA VAS DE CARVALHO — Canção, por GUERRA JERQUEIRO — As noças gravuras — A canhoneira Quauza, por J. VIANNA — A princeza D. Maria Francisca Benedicta, filha de D. José I, por FRANCISCO BENEVIDES — O gallo preto, por ALBERTO BRAGA.

GRAVURAS. — A embaixada marroquina a Portugal — O vice-almirante visconde de Bergio de Sousa — O general João Pedro Schwalbach — A canhoneira Quauza — A estação de Pedras Rubras no caminho de ferro do Porto a Povoa de Varzim — Illustração ao conto d'Alberto Braga, por MARCEL DE MACEDO — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

O mez de maio, que hontem expirou, justiça lhe seja, soube viver e morrer modestamente sem fazer ruido que nos acordasse do nosso beatifico somno. Dispensou as trovoadas, no que eu acho que fez muitissimo bem. Antigamente este bucolico mez não passava sem despedir alguns raios sobre nós, o que até certo ponto era algum tanto incommodo. Foi indispensavel inventar os pára-raios com o fim de lhe provarmos o nosso desagrado por esta manifestação da sua generosidade. Unicamente ficamos com os raios da eloquencia parlamentar que as trovoadas politicas fazem cair de quando em quando sobre o *Diario*

A EMBAIXADA MARROQUINA A PORTUGAL



O EMBAIXADOR SID TIBI BENHIMA, O SECRETARIO, O JURISCONSULTO DA EMBAIXADA E MAIS PESSOAL. (Segundo uma photographia de Mr. A. Fillion)

do Governo; mas estes, diga-se a verdade, são mais pacatos e comedidos; são uns raios circumspectos para uso das boticas e dos desembargadores aposentados, não praticando já mais o excesso de fulminar uma pessoa.

— Lisboa, que é uma cidade pacata e discreta, extremamente inimiga do delirio e da vertigem, sofre de quando em quando as tentações do demónio feito empresario, que a convida a subir ao alto da montanha e lhe mostra lá de cima o mundo das depravações estendido a seus pés.

Um dia d'estes subiu ella á montanha dos Recreios, e podendo, depois da sua ascensão a este Golgotha—por acções, ter direito de fundar uma religião nova, era exactamente ao contrario d'isso que a queriam impellir— a perder, a velha.

Dos Recreios avistava-se a Zamacois, a Zamacois que ha treze annos obrigan a cidade em peso a ajoelhar a seus pés; a cidade com todas as suas instituições— com os paes de familia, com os generaes de brigada, com os juizes do supremo, com os *brazileiros*, com o *dandyismo*, com o alto funcionalismo, com o altar, o throno, a igreja, a arte, a sciencia, a moral por atacado e o commercio a retalho; toda a cidade, enfim, desde o sujeito que usava pera até ao cavalheiro que usava melancolia; desde o que usava austeridade até ao que usava luvá cor de canário; sim, todo esse mundo interessante e mais ou menos sensível lançou um dia o seu lenço de seda de ramagem por terra, e em cima do seu lenço o seu joelho, ouvindo cheio d'adoração aquellas *malagueñas* que tinham de deixar no fundo de tantas almas candidas o germen d'uma grande preverção humana, lyrica—e talvez constitucional!

A Zamacois voltou outra vez. Lembrando-se porém da multidão que tinha deixado debruçada no abysmo sobre a calçada do Salitre, adoptou a precaução de trazer consigo, além d'outras cousas, mais doze ou quatorze annos. Obrigado por todos nós, mulher, obrigado!

Theophilo Gauthier foi um dia vêr dançar a Petra Camara. Ao contemplar aquella filha ardente das Hespanhas, requebrando-se sob as dobras da mantilha, e vindo depois ajoelhar á bocca da scena, com um punhal cravado no peito, contorcendo-se nos arrancos derradeiros do *bolero* voluptuoso, Theophilo Gauthier julgava ter diante de si a imagem da Hespanha, ferida, morrendo ao som da *pandereta* sobre as ruínas do seu passado glorioso!

Petra Camara veio ha alguns annos a Lisboa, quando exactamente acabava de tocar aquelle período fatal em que começa a dançarina circumspecta. Tinha-se mesmo já lançado de cabeça abaixo no despinhadeiro dos bons costumes que é, segundo penso, o aviltamento supremo a que com o ardor do tempo chega todo o corpo coreographico!

Oh! mal diria o magro noticiario da nossa terra, ao regatear-lhe uma colherinha d'insenso diluido em logares communs, que essa mulher, em cujo olhar tremeluziam ainda, por vezes, os clarões fulvos do sol da Andaluzia, tinha passado ao retinir das castanholas, erguida no hico dos pés, braços levantados no ar e cabeça pendida para traz, sobre as chronicas mais illustres do mundo, vindo de queda em queda, desde os folhetins d'Alexandre Dumas, até ao noticiario portuguez!

Com a Zamacois felizmente não aconteceu outro tanto. A Zamacois veio pela vez primeira a Lisboa na plenitude da sua gloria e dos seus cabellos louros, voltando, se o olhar me não engana, na posse dos mesmos dons, multiplicados.— Com muita mais gloria e muito mais cabelo.

Ainda está na memoria de muitos, a quem o tenho ouvido contar, o delirio produzido por esta incomparavel musa da *jota* logo na primeira noite em que soltou a voz em Lisboa! A fibra mais sensível da cidade estremeceu desde o amago do Martinho até ao da consciencia, e os homens chegaram mesmo a ter horror de si! Os chapéus do Roxo andavam todos crestados de tapar vulcões, e raro *paletot* se via desabotoado a fim de não deixar vêr as lavaredas do Vesúvio por baixo do collete.

O nome de Zamacois, não se dava só, em fim, entre suspiros, ás brisas da noite; dava-se tambem ás cavacas; e as almas apaixonadas, já fartas de chamarem por ella em vão, resignavam-se cheias de desespero, em silencio, a tomarem-lhe a memoria ao chá!

Diga-se em abono da verdade que as bolaxas Zamacois fizeram depois muito mais victimas do que a cantora. Os desvarios causados por uma não podem nem de longe comparar-se com as despepsias produzidas por outras!

Nunca os confeiteiros nacionaes tiraram mais energico partido do assucar e da farinha sob o ponto de vista da paixão!

Já o disse. A Zamacois volta como outr'ora. Eu pelo menos que nunca a tinha visto, acho que ella corresponde perfeitamente á idea que eu fazia d'ella pela interpretação do Ferrari a 6 tostões o kilo.

Esta mulher caracteriza-se sobretudo por ter muito das hespanhas. Possui um *salero* verídico, impetuoso, que se impõe, e traz na physionomia a sua carta de naturalisação.

Ouvindo-a cantar hontem a *Juanita* pareceu-me ver deslizar diante de mim todo esse paiz aventureiro e phantastico dos *pronunciamentos* e das *sigadillas*. É o Cid, o Espronceda, a Baldomera, o sr. Canovas del Castillo, os fundos, os *boleros*, Isabel a Catholica e as *panderetas*, tudo principiou a revoar no meu cerebro como n'uma dansa macabra, passando-me repentinamente pela idea, ó profanação! que aquella mulher que ali cantava diante de mim, vestida de *maja*, podia muito bem ser uma virgem de Murillo depois de tomar o chocolate de Mathias Lopes!

Enfim, a Zamacois, voltando na posse plena de todos os encantos que outr'ora a tornaram celebre, não constitue já, todavia, o perigo social que n'outro tempo a fez temida.

Em grande parte a geração desgrenhada que ha quatorze annos se crivou de dividas no louvavel intento de a crivar de *bouquets*, apagou

o vulcão que trazia ao peito. Uns fundaram a instituição da familia recolhendo-se á paz do lar, outros entraram para a alfandega, ou despacharam-se conservadores, alguns suicidaram-se, descrentes, e outros reformaram-se, majores.

A mocidade de hoje, essa está em condições muito diversas. Quatorze annos de parlamentarismo, de revolução philosophica e de Casa Havaneza, mudaram as condições e o modo de ser da nossa alma. Do piano e das noites de luar cahiu-se no scepticismo e no desdem profundo pelo que ha de mais inviolavel e mais santo na mulher e na actriz,—a idade e a cabelleira!

A Zamacois hade pois vencer, mas, deixando todos encantados, não é muito possivel que deixe todos vencidos.

—A *Estudiantina* tem agora quasi as honras do acontecimento do dia. A Hespanha está sendo complacente para conosco. Ha pouco tempo ainda, 60 estudantes das escholhas de Madrid lembraram-se, atravessando na barretina a colher de marfim dos seus maiores, e traçando ao hombro a velha capa romanesca, de ir a longes terras correr aventuras. Em Paris foi extrema a sensação produzida por esta mascarada original que estava vinte mil leguas distante do espirito francez. Era realmente estranho que a flor das Universidades d'uma forte nação, no seu interesse pela sciencia, se lembrasse de ir tocar bandurra debaixo das janellas das *cocttes* parisienses! A grande capital via pois na estudantina mais do que uma *exhibição*: via uma *resurreição* da velha Hespanha, feudal e fradesca, com toda a originalidade e todo o pitoresco da sua vida nomada e primitiva. A estudantina fez extrema sensação pelo imprevisito, e de tal fórma procedeu, nas suas visitas e nas suas preferencias, que de volta a Madrid, os seus collegas reconhecidos quizeram ir esperal-a ao caminho— para lhe partir as costellas.

Ora um empresario audacioso acaba de nos trazer uma edição reduzida dessa *Estudiantina*, embora menos authentica do que a que visitou Paris. A diversão tem pois certa actualidade e, além de actualidade, attractivos.

Ao escutal-os, no intimo de cada bandurra, se julga ouvir gemer uma porção d'essa Hespanha tão cheia de poeticas tradições de que nós estamos tão perto pelas fronteiras e ao mesmo tempo tão longe pelo espirito!...

—Tenho a pedir perdão ao leitor de não acabar esta chronica como era do meu dever, com a relação dos candidatos que se propõem em breve ao suffragio dos povos, tanto por Lisboa como pela provincia, como pelas ilhas adjacentes: motivos porém superiores á minha vontade obstem a que eu realise tão ardente desejo da minha alma, afirmando não obstante aos circulos electoraes que nunca um só instante elles abandonam agora o meu pensamento.

GUILHERME D'AZEVEDO.

OS ULTIMOS AMORES DE GOETHE

VI

É n'esta casa que dá calafrios, e que porventura os sente, com a alvura e a elegancia dos seus porticos italianos á luz baça do sol septentrional, e onde estuda, sereno, alheio ás perturbações externas, com o olhar olympico, ficto no sol, como o das aguias, o soberano intellectual da Allemanha e da Europa, que por uma tarde de maio de 1770 penetra risonha, bulhçosa, entre o medo e o entusiasmo, entre a curiosidade e a ternura, a mais adoravel de todas as figuras femenis, que envolvem como uma grinalda de flores animadas, o marmoreo pedestal do Jupiter germanico.

Vinha de longe para o vêr, andara quarenta leguas vestida de homem, pelo meio dos acampamentos, na almofada d'uma carruagem, dormindo sob a neve, alegre, animosa, descendo aqui e ali para correr nas florestas ou para trepar ás arvores como um saguy; depois, sem transição, ficava-se no seu assento muito alto, silenciosa, scismadora, com o bello olhar perdido no vago, a vêr a geada a dependurar os seus flocos alvos nos ramos nus das carvalheiras, ou a lua a reflectir-se nos gelos da estrada e a illuminar phantasticamente aquella *paraiso de prata*.

Nunca o vira, mas sabia que a Allemanha em peso lhe chamava o *nosso* Goethe, que elle era o filho dilecto da *patria germanica*, e que o genio o levantava acima de todos os outros homens.

Ouvira chamarem-lhe insensível e egoista, sabia que elle aceitava todos os preitos com reserva activa, e que no seu caminho havia um cortejo de pallidas figuras lacrimosas, que tinham exaurido a mocidade e a vida, buscando em vão encontrar, sob aquelle poderoso e largo peito, que as acolhia para as interrogar curiosamente, o sobresalto febril que a paixão accende no coração dos homens.

Tudo isto porém a tinha attrahido a ella, por effeito d'aquella força irresistivel que leva o espirito romanesco das mulheres a desejarem o absurdo e a apprehenderem o impossivel.

A primeira entrevista entre o poeta e a sua adoradora, é de tal modo caracteristica, que basta ella para nos fazer entrar de vez no espirito e nos habitos da mulher que tentamos fazer reviver aqui.

Mixto de petulancia infantil e de paixão indomita, mixto de excentricidade e de capricho, n'um fundo de graça que assombrava e vencia, tal foi esse primeiro encontro e tal era Bettina.

Antes de aproximar-se de Goethe, acolhera-se ella á bondade bem onhecida de Wieland, pedindo a este um bilhete de apresentação para o seu glorioso amigo.

Com quanto não tivesse tido nunca relações com o auctor do *Oberon*, não eram difficuldades d'estas que tanto embarçam as pessoas de bom senso vulgar, que logariam intimidar a temeraria criança. Apresentou-se-lhe como conhecimento muito intimo e muito antigo.

Wieland depois de procurar debalde na memoria o nome que havia de pôr n'aquella expressiva e morena figura, acabou por dizer-lhe com a fina galanteria dos velhos que é doce como o aroma vago d'uma flor murcha que a gente guardou:

— «E' verdade que a estou reconhecendo, meu anjo lindo, mas não posso affirmar onde e quando a vi já.»

— Bom! obriguel-o a confessar que me viu em sonhos, porque no mundo real é hoje com certeza a primeira vez que me vê.

Momentos depois, munida com o bilhete de Wieland, Bettina Brentano, porque era ella, entrava em casa de Goethe.

Quando se abriu a porta do sanctuario, e aquelle entrou, revestido do aspecto consagrado, e com o profundo olhar longo e fixo, o coração de Bettina como que se lhe paralyou dentro do peito.

— *Pobre criança! pois eu metto-lhe medo!* são as primeiras palavras que o poeta lhe dirige.

E aperta-a ao largo peito com o gesto sereno e paternal. Leva-a depois para o seu gabinete de trabalho, faz com que ella se sente sobre um canapé, e ficam-se ambos n'um silencio difficilissimo, cortado a espaços por alguma phrase indifferente.

Bettina estava em ancias! Pois qué! era este o desenlace do seu pequeno drama! tantas palpitações de coração! tanto entusiasmo, tanta esperança indefinivel, desabava n'uma visita cerimoniosa e banal! As amplidões do horizonte que ella ha pouco descobria, envolvera-as de repente um tal nevoeiro de prosa!

Depois aquelle canapé incommodava-a! Não ha nada mais capaz de arripiar os nervos turbulentos d'uma pessoa, do que um canapé duro, inhospito e solenne! E ella então que nunca soubera estar sentada, muito direita, como toda a gente que tem juizo! ella que vinha de tão longe, que estava cansada, que sentia o subito deslaçar de forças que segue as longas insomnias, e os excessos moraes, o acalmar somnolento da tempestade que durante quatro semanas a trouxera arrastada nas suas azas electricas!

Valeu-lhe a subita inspiração do capricho que foi sempre o seu rei absoluto.

— «Não posso estar n'este canapé!» exclamou, levantando-se, com o gesto annuado e travesso de criança mimosa.

E deitou-se ao pescoço de Goethe, n'um grande silencio commovido. — Se é possível portar-se uma pessoa peor do que eu me portei! diz ella mais tarde, contando esta historia á mãe do poeta.

O caso é que, ou pareça incrível ou não, Bettina dormia d'ali a uada o somno da graça e da innocencia nos joelhos do velho titan, porventura enternecido e surpreso!

Aqui é necessario talvez abrir um parenthesis, para ir ao encontro do sorriso malicioso do leitor, e das exclamações da leitora escandalizada com tamanhas liberdades.

Estamos na Allemanha, é preciso não perder nunca de vista este ponto principal, d'outro modo, não comprehenderiamos Goethe, nem Bettina, e comprehenderiamos ainda menos o amor ideal entre a criança e o velho, que ha de merecer mais tarde os sympathicos applausos d'uma nação inteltra, encantada e surprehendida.

A Allemanha não está unicamente separada dos outros paizes pelas divisões topographicas do solo.

Ao penetrarmos na espessa floresta germanica que hoje tanto attrae as vistas curiosas da nossa raça ironica e positiva, é como se penetrassemos n'um mundo inteiramente diverso e separado do nosso por incommensuraveis abyssos. Ali o pensamento interna-se sem jámais se extraviar nos labyrinthos d'uma metaphysica intelligivel e clara para elle, e para nós profundamente nebulosa, ali o sentimento reveste das mais extranhas e desusadas formas o fundo immutavel e eterno que é o coração do homem.

Resulta d'aquí o diverso aspecto que tem para nós ou para os allemães as cousas exteriores.

O que sob o nosso ponto de vista se nos affigura chimerico, pôde ter para elles todos os fóros de realidade, o que repugna aos nossos costumes como falso ou excentrico, é para elles o resultado justo e verdadeiro d'um modo de vêr interior em que só elles são iniciados.

Uma prova palpavel do que deixamos dito pôde fornecer-a a propria vida de Bettina. É por ella se affastar tanto dos nossos moldes convencionaes, sem no fundo se affastar um apice da idéa que fazemos da honestidade e da virtude femeníl, é por se destacar tão vigorosa da mente no fundo da tela uniforme que é o viver da sociedade de que fazemos parte, que a escolhemos como principal assumpto do nosso estudo.

Depois d'estas reflexões que previamente respondem a todos os reparos que a singularidade da nossa heroína excitar no espirito dos que nos lerem, voltemos ao quarto de Goethe, em cujos joelhos a deixámos irreverentemente adormecida.

Comprehende-se que ao acordar muitos gellos se haviam desfeito entre os dois. Já não havia logar da parte de Goethe para o laconismo magestoso, nem da parte de Bettina para acanhamento e timidez.

Começaram então a conversar: o poeta colheu uma folha da videira que emoldurava a janella e que tratava por suas proprias mãos, e disse-lhe graciosamente:

— «Esta folha tem a frescura avelludada das tuas faces» — affagando-lhe os cabellos e a testa.

Bettina sentada aos pés d'elle inclinava-se-lhe sobre os joelhos e

ouvila-o. Depois caíram outra vez n'um silencio profundo, mas que differença dos primeiros instantes de enleio e de frieza!

— «As horas passavam, sem que eu as sentisse, diz ella. Que poderíamos nós dizer, que não desmanchasse aquella felicidade mysteriosa e intima! Que lingua podia reproduzir a doce paz que havia em nós!»

— «Eu não sou desconfiado, Bettina; creio facilmente nos affectos que me mostram; se é um engano a affeição que me estás mostrando, não precisas de grande habilidade para me enganares!»

Bettina abraçava-o por unica resposta.

Vê-se o quadro d'aquí. Elle seduzido pelo encanto tão novo da extraordinaria creança, sem contudo querer abdicar a sua impassibilidade altiva, ella na doce humildade dos corações vencidos, banhando-o no seu olhar fulgorante e bebendo as suas palavras n'uma dilatação infinita da alma!

D. MARIA AMALTA VAZ DE CARVALHO.

CANÇÃO ¹

Que durmam, muito embora, os palidos amantes
Que andaram contemplando a lua branca e fria;
Levantae-vos, heroes, e despertae, gigantes!
Já canta pelo azul sereno a cotovia,
E já rasga o arado as terras fumegantes.

Entra-nos pelo peito em borbotões joviaes
Este sangue de luz que a madrugada entorna!
Poetas, que somos nós? Ferreiros de arsenaes;
É bater, bater com alma na bigorna
As estrophes de bronze — as lanças e os punhaes!

Accendei a fornalha immensa — a inspiração.
Dae-lhe lenha: a verdade, a justicia, o direito,
O entusiasmo, a loucura, a febre, a indignação;
E, p'ra que a lavareda irrompa, abri o peito
E atrae á fornalha em braza — o coração!

Ha de nos devorar, talvez, o incendio; embora!
O poeta é como o sol: o fogo que elle encerra
É quem espalha a luz n'essa amplidão sonora;
Queimemo-nos a nós illuminando a terra!
Somos lava, e a lava é quem produz a antrac!

GUERRA JUNQUEIRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A EMBAIXADA MARROQUINA

O chefe d'esta embaixada, que ha poucos dias alvorçou a população de Lisboa, chama-se Sid Ettayeb Benhima, ou vulgarmente, Sid Tibi Benhima, por ser *Tibi* diminutivo de *Ettayeb*.

Este personagem é desde muitos annos governador do porto de Saffi, onde não só é estimado pelos habitantes indigenas, mas por todos os europeus, pela justiça com que desempenha o seu cargo, e pela suavidade e llanesa do seu tracto. Serve o seu paiz desde o reinado do sultão Muley-Abd-Rahman, avô do actual soberano Muley El-Hassan, que muito o estima e considera, não só pelas suas qualidades recomendaveis, como pela circumstancia de ter recebido do imperador, pae de Muley, o encargo de vigiar, para que nada faltasse a este príncipe durante a sua educação, não só pelo que respeitava ao bom ensino, como ao conforto e distrações de sua alteza.

O que um dia devia ser imperador de Marrocos, sentiu-se cada vez mais obrigado para com Sid Tibi Benhima, pelos cuidados e desvellos de que o cercava, e desde então principiou a consideral-o immenso, não desprezando occasiões de o obsequiar, e confirmando-o com extrema satisfação no alto posto de Bachá, ou governador de Saffi, apenas foi proclamado imperador.

Como prova da consideração que o sultão de Marrocos dispensa a Sid Tibi Benhima, bastará dizer que ainda não ha muito o agraciou com a dadia d'uma joven mulher do serralho imperial, circumstancia rara, que só se dá quando o sultão pretende honrar com uma distincção singular qualquer funcionario da côrte.

¹ Da morte de Jehovah.



ALMIRANTE VISCONDE DE SERGIO DE SOUSA

GOVERNADOR GERAL DA INDIA PORTUGUEZA

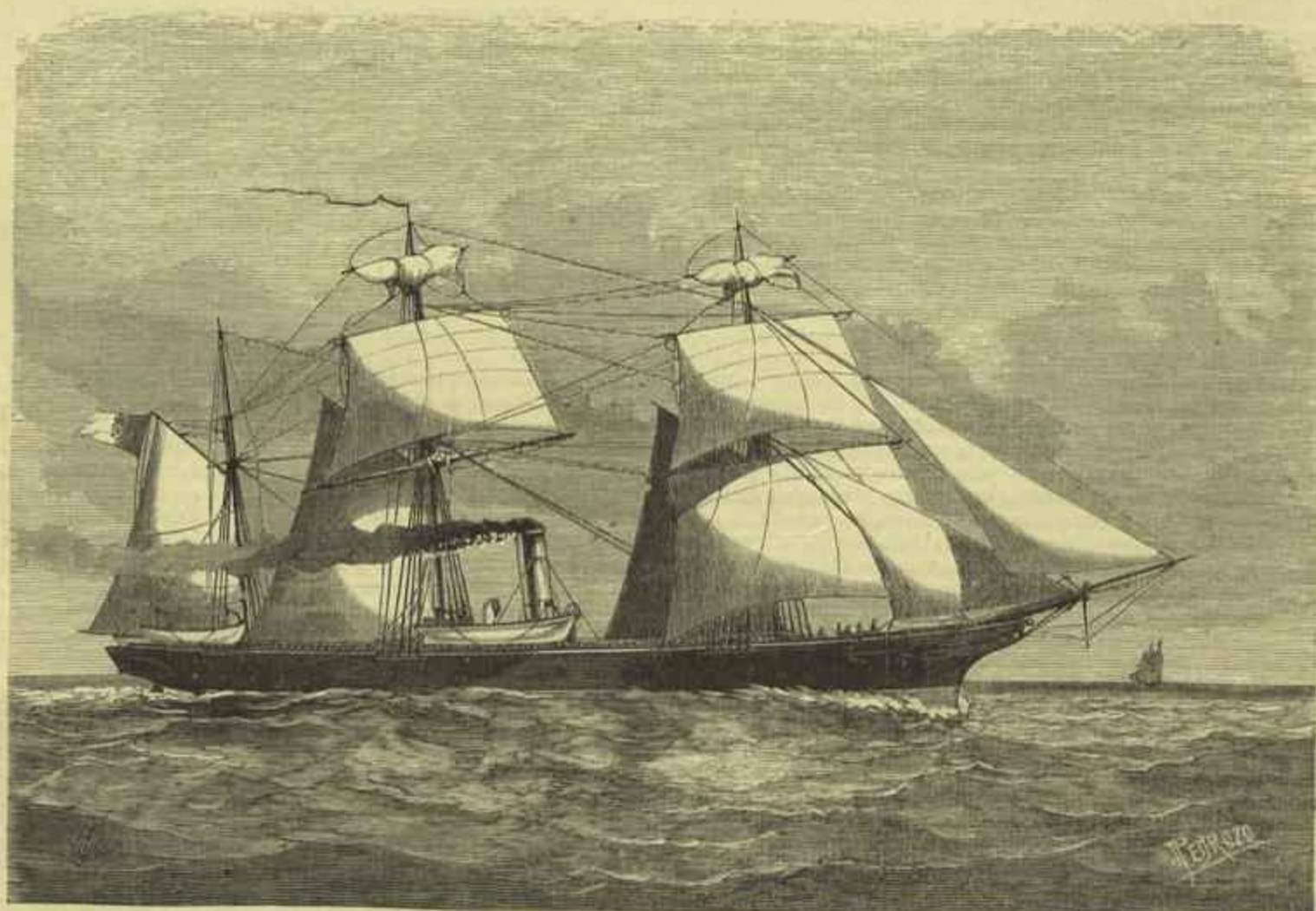
Fallecido em Goa a 3 de maio de 1878 (Segundo uma photographia de Mr. Schenk)



GENERAL JOÃO PEDRO SCHWABACH

COMANDANTE DAS GUARDAS MUNICIPAES

Fallecido em 9 de maio 1878 (Segundo uma photographia da Uniao Photographica do Porto)



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — CANHONEIRA «QUANZA» (Desenho do natural por J. Dantas)

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



ESTAÇÃO DE PEDRAS RUBRAS NO CAMINHO DE FERRO DO PORTO À POVOA DE VARZIM (Segundo uma photographia do sr. P. Rochini)

Desejando o imperador Muley El Hassan, complimentar o rei de Portugal, por meio d'um embaixador da sua estima e confiança, e distincto pelos seus longos serviços, escolheu o seu antigo amigo para o desempenho de tão honrosa missão, e como se transtornasse, por motivos imprevistos, a saída de Marrocos d'outro embaixador para a corte da Alemanha, foi Sid Tibi Benhima encarregado das duas missões conjuntamente.

A embaixada compunha-se além do embaixador, de tres personagens de consideração, a saber: El-Hage Abd-Crím El Ganmia, Mohamed Benhima, e o Kaid El Aarbi.

O primeiro d'estes tres personagens foi administrador em Tetaño, e pela sua honestidade e esclarecidos dotes de intelligencia, bem como pela sua pratica de viagens e conhecimentos financeiros, recebeu o encargo d'administrador e primeiro secretario da embaixada.

Sid Mohamed Benhima, irmão do embaixador, e seu companheiro em Saffi, juriconsulto distincto, extremamente considerado pelo governo marroquino, foi escolhido para segundo secretario e juriconsulto da embaixada.

O alcaide El-Aarbi é um militar valente, excellente cavalleiro, com graduação que entre nós corresponde a coronel, na melhor cavallaria do sultão.

O resto da comitiva, ao todo quatorze pessoas, é composta de individuos igualmente distinctos, tendo havido todo o cuidado em que mesmo os personagens de cathogoria inferior dessem, pelos seus precedentes e boa conducta, garantias de corresponderem ao alto encargo da missão; mandando sempre a maior dignidade, quer durante a viagem, quer durante a sua permanencia nas cortes estrangeiras.

O embaixador saiu da cidade de Marrocos aonde se achava o sultão e dirigiu-se ao porto de Tanger, por Saffi, alojando-se no palacio do Bachá. Poucos dias depois de chegar a Tanger, chegaram igualmente ali, de Marrocos, com vinte e tres dias de viagem, os dez cavallos novos e escolhidos da melhor raça marroquina, enviados pelo sultão ao rei de Portugal.

Estes dez cavallos vinham sob o cuidado e direcção do Kaid Osmar, chefe das cavallariças do imperador. Os alcaides d'esta ordem têm em Marrocos o nome de *mecademius* plural de *Almecadem*.

Isto passou-se no fim d'abril. No dia 1.º de maio saiu do porto de Tanger em direcção a Lisboa a embaixada marroquina, a bordo do transporte de guerra portuguez *India*, enviado expressamente pelo go-

verno de Portugal. Ao embarque assistiram todas as authoridades de Tanger, sendo o enviado do sultão recebido a bordo com as attensões devidas á sua alta cathogoria.

Em Lisboa, foi da mesma fórma dispensada ao enviado marroquino igual consideração. A embaixada alojou-se a expensas do governo no hotel *Gibraltar*, e recebida em audiencia solemne por el-rei, apresentada a sua magestade a rainha, foi convidada para um jantar de gala no Paço, sendo honrada com uma parada de todas as tropas de guarnição na vespera da partida.

Sid Tibi Benhima e os seus companheiros, parecem ter ficado extremamente lisongeados com a fórma porque foram recebidos no nosso paiz, mostrando-se sempre satisfeitos nos espectaculos a que assistiam amfudadamente em Lisboa, como se lhes agradassem em extremo as magnificencias da civilisação europea.

Não devemos concluir sem fazer saber aos leitores do OCCIDENTE, que devemos os curiosos detalhes d'esta noticia ao nosso consul em Tanger, o sr. José Daniel Collaço, um cavalleiro illustradissimo, e mais ainda, um artista de primeira ordem, que nos promete honrar um dia as paginas da nossa revista com algumas produções do seu bello talento, entre as quaes figuram uma preciosa aguarella, ainda ha pouco offerecida pelo seu author a sua magestade o sr. D. Luiz I, e que, por ter intima relação com um dos factos mais salientes da nossa historia, deve despertar um alto interesse.

O desenho que hoje damos na primeira pagina é feito sobre uma photographia de Fillon, distincto e apreciavel artista, que no seu conhecido atelier recebeu a visita da embaixada. Sid Tibi Benhima e os seus companheiros, deixando-nos o seu retrato, deram-nos uma alta prova de consideração, que só se aprecia em sectarios de Mafoza sabendo-se que pelo Alcorão é expressamente prohibida a reproducção da imagem humana.

A embaixada praticando um acto em offensa á sua crença, para nos dispensar uma amabilidade, mostrou que não lhe será difficil entrar no verdadeiro caminho aberto á diplomacia europea.

O VISCONDE DE SERGIO DE SOUSA

O visconde de Sergio de Sousa, vice-almirante supranumerario da nossa marinha de guerra, falleceu repentinamente no dia 3 de maio

ultimo na India portugueza, aonde exercia o cargo de governador geral.

O vice-almirante fallecido exerceu, durante a sua longa carreira, importantes commissões de serviço publico d'alta cathedra; taes como as de governador de Cabo Verde, Angola e Macau; a de ajudante de campo d'el-rei para que fôra nomeado em abril de 1869, e ultimamente, pela morte do general Tavares d'Almeida, a de governador geral da India.

Sentara praça em 28 de março de 1832, e em abril de 1833 foi promovido a segundo tenente, tendo concluido com distincção o curso de marinha. Foi um dos officiaes da armada que mais dedicadamente batalhou pelas instituições liberaes, tomando parte no combate naval do dia 5 de julho de 1833. Em julho de 1877 foi promovido a vice-almirante.

Commandou, entre outros navios, a nau *Cabo de S. Vicente*, fragata *D. Pedro*, corvetas *Oito de julho*, *D. João I* e *Bartholomeu Dias*, cañique *Audaz* e escunas *Amelia* e *Nympha*, e as divisões de reserva e instrucção.

Era condecorado com a grã-cruz d'Aviz, S. Mauricio e S. Lazaro, d'Italia, e Isabel a Catholica, de Hespanha; commenda da Torre e Espada; habitos d'Albertus Animusos, da Saxonia; Aguia Vermelha, da Russia; Leopoldo, da Belgica; grande official da Legião d'Honra, de França; Conceição, de Villa Viçosa; medalha da expedição a Angola; a das campanhas da liberdade; as de ouro de valor militar e bons serviços.

Tinha 68 annos d'idade quando falleceu, depois de consagrar lealmente a patria o valor do seu braço e a lucidez da sua intelligencia. A mais eloquente commemoração do homem está na narração singella dos seus brilhantes serviços. Quer na guerra, quer na paz, o visconde de Sergio de Sousa serviu sempre o seu paiz com valor e distincção, o que é bastante para dar ao seu nome a consagração do respeito publico.

O GENERAL SCHWALBACH

O nome do valente militar que terminou a sua gloriosa vida no dia 9 de maio ultimo, figura na historia das luctas da nossa liberdade ao lado dos mais illustres e heroicos.

Seu pae, o general João Schwalbach, visconde de Setubal, era um allemão audaz, que deixou uma tradição quasi phantastica de actos de bravura e de temeridade.

O filho pareceu-se bem com o pae. Nasceu em Lamego em 5 de dezembro de 1817, e em novembro de 1830 teve de fugir para o Porto e depois emigrar para o Brazil, onde foi encontrar seu pae, a quem as opiniões politicas tinham tambem obrigado a sair do reino.

Em novembro de 1831 aportou com seu pae á Madeira; em 20 de dezembro sentou praça de voluntario no valente batalhão de caçadores 3; no dia 8 de julho de 1832 desembarcava como cadete nas praias do Mindello; e no dia 23 ganhava o habito da Torre Espada, aos quinze annos, na batalha de Ponte Ferreira, onde se distinguia pela sua temeridade e valentia.

Depois o intrepido moço assistiu a todas as acções que se deram no cerco do Porto, e foi gravemente ferido em 17 de novembro de 1832, n'uma das heroicas sortidas do Alto das Antas. D'alli a treze dias era feito alferes e passava para caçadores 2, e d'alli a pouco teve a honra de ser escolhido para ir na gloriosa expedição do conde de Villa Flor, e entrou com elle em Lisboa em 24 de julho de 1833, depois de ter deixado o seu nome vinculado a todas as façanhas grandiosas do exercito liberal, desde Almargem até Cacilhas, entrando ainda depois em quasi todas as batalhas até ao fim da grande luta.

Na familia, o general Schwalbach era um pae extremosissimo, um marido dedicado, um chefe exemplar.

A tísica da larynge veio surprehendel-o aos sessenta annos quando ainda estava em toda a plenitude da sua exuberante robustez. Em dois mezes matou-o, e elle vendo aproximar-se a morte, teve ante ella a impassibilidade serena dos heroes. Conhecia-a de perto: tinha-a visto muitas vezes no campo da batalha; e todos os seus receios, os seus terrores, é que a advinhasse sua mulher, que era a sua dedicada enfermeira, e por isso sorria sentindo já a tísica a estrangular-lhe a vida na garganta, e a sua ultima agonia foi um olhar de ternura para aquelles que la deixam cobertos de lucto e de dor.

A biographia do general Schwalbach lê-se na historia da nossa liberdade e escreve-se em tres palavras: — Valentia, honradez e dedicação.

G. L.

CANHONEIRA QUANZA

A embarcação de guerra, que a nossa gravura apresenta com este nome, vae singrando nas aguas do Atlantico, impellida pela vela e pelo vapor, a caminho da costa occidental d'África, onde tem de estacionar por algum tempo. É seu commandante um official superior da armada, de merecimento e qualidades muito apreciaveis.

Fôo este navio lançado ao mar de uma das carreiras de construcção do arsenal da marinha, o que se levou a effeito na tarde de 22 de setembro de 1877.

O seu deslocamento pesa 558 toneladas; a sua machina é do systema compound, e da força indicada de 550 cavallos. Tem bons paícos para arrecadação de viveres, e para 100:000 kilogrammas de combustivel. O casco está ligado com toda a segurança, sendo as obras vicias cavillhadas e pregadas a cobre; e as que ficam fóra d'agua a ferro galvanizado. A armação é de lugre, com duas gaweas. Na equipagem contam-se 100 praças.

O risco de que esta canhoneira é copia, foi reprodução do que serviu para construir a *Douro*, acertadamente melhorado. No aperfeiçoamento da mão d'obra, e em certas particularidades, que não vem para aqui enumerar, nota-se quanto foi dedicada, perspicaz e intelligente, a direcção do trabalho fabril.

O desenho de Dantas e a gravura de Pedroso, provam o merecido conceito de que gosam estes artistas, despertando o sentimento do bello. Imaginemos agora a *Quanza* com todo o seu panno ferrado, e ainda no Tejo a portar pela amarra.

Decorrem duas horas.

Pela chaminé da machina começam a sair ondulações de verdadeiro fumo, envolvidas em vapor; ás barras do cabrestante mettem peito os marinheiros, para levantar ferro.¹

Está de calma o mar: convida a ir a bordo. Pois vamos.

— Atraca o escaler!... Vôga, rapazes, que a canhoneira vae largar: é hoje a sua viagem de experiencia.

Já subimos o portaló: achamo-nos na tolda..

Sobre a ponte, a meio navio, está o commandante. Fitando o telegrapho, e tambem no seu posto, aguarda o engenheiro, que teve o encargo da montagem do machinismo, o momento de utilizar o vapor. Observemos:

É bonita esta roda do leme; afiosa a bitacula, guia do timoneiro. Este rodizio, de 64, é de Armstrong; carrega pela bocca, como as duas peças de 40, que completam o artilhamento da embarcação. Todas as escotilhas acham-se resguardadas por bem contornadas gaiútas. Mastros e vergas foram acabados com inexcusable perfeição. Apparelho e velame revelam a mão do mestre.

Está quasi a pique d'estay o ferro; e o engenheiro acaba de experimentar a machina, dando-lhe algumas voltas para vante e para ré.

Desçamos aos alojamentos.

Ha gosto, elegancia e simplicidade na ornamentação das camaras e dos camarotes. Offerecem todo o conforto compativel em pequenos espaços. O ar e a luz entram na quantidade desejavel a uma habitação salubre. Póde girar-se de um para outro extremo do navio sem correr risco de experimentar a dureza dos vans de teca, sobre que assenta o tabuado do convex.

Ouve-se maior ruido na machina: é apenas causado pelo bater das valvulas. A helice já prolonga a sua espiral fazendo rosca na agua. Pela pópa do navio alveja, a distancia, espumosa esteira. Vac largo o navio; segue para a milha medida de 1:852 metros; quer determinar a sua marcha.

Continuemos a nossa observação.

O manometro das caldeiras indica que o vapor actua com pressão superior a tres atmosferas. A bomba de circulação move o seu eixo com a rapidez d'uma ventoinha. Os segundos do nosso relógio marcam 105 rotações, para a arvore da machina, em um minuto. No condensador faz-se mal o vacuo: ha ainda uma resistencia, que o manometro registra e excede a imperfeição admittida.

Entretanto, o machinista tira os diagrammas e adquire, no exame d'elles, a certeza de que as valvulas dos divisores funcçãoam bem, e que o vapor se escapa rapidamente para a caixa onde deve ser liqui-feito.

— Não tem que vêr, diz o engenheiro *responsavel* para o seu *obsequioso* collega, o defeito está no pouco peso da agua da condensação sobre as valvulas.

— Pois tiremos as tampas á bomba d'ar, para ficarmos convencidos.

Effectivamente foi confirmada esta opinião. E o engenheiro John Penn, habilissimo constructor inglez, aprompta um aparelho para augmentar a carga sobre as valvulas, similhante ao que possuem as corvetas *Ruinha de Portugal* e *Mindello*.

Não obstante, as balizas da milha e a barca do *carretel* e do *triangulo isosceles*, encarregaram-se de demonstrar que a canhoneira attingiu a marcha de 10 milhas por hora. Ha de chegar ás 11, quando o seu machinismo estiver completamente *afinado*.

Agora, é tempo do navio retomar o ancoradouro, para que o leitor possa admirar-o, mais uma vez, em estampa.

J. VIANNA.

A ESTAÇÃO DAS PEDRAS RUBRAS NO CAMINHO DE FERRO DO PORTO Á POVOA DE VARZIM

Pedras Rubras, Moreira, Villa Chã, Villa Nova da Telha constituem um grupo de freguezias ruraes, a duas leguas do Porto para o norte. Foi em Pedras Rubras que o exercito libertador decidiu operar sobre o Porto, depois do seu feliz desembarque em Arnosa do Pampellido. Moreira tem a antiga igreja, de bello e grandioso fabrico, e o convento e quinta que foram propriedade da familia Vieira de Castro, e hoje pertencem á viuva do grande orador José Estevão, aquelle de quem ainda ha pouco commemoravamos a vida illustre. Explorada pelo sr. Arthur Pinto Bastos a quinta é hoje um modelo de *farm* á ingleza, onde á agricultura, o illustrado rendeiro, allia as industrias de criação de aves domesticas, engorda de gado, etc.

A nossa gravura representa a estação que a linha da Povoia tem no lugar de Pedras Rubras, que é o centro d'esse grupo de freguezias ruraes.

O caminho de ferro da Povoia de Varzim, atravessando uma região uberrima e pittoresca, fez-lhe decerto um grande serviço compensado

¹ Referimo-nos á ultima experiencia.

pelas vantagens que naturalmente advirão á empreza d'uma obra de tanta utilidade publica.

A PRINCEZA

D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA

FILHA DE D. JOSÉ I

(Concluido)

A rainha D. Maria I havia consignado á princeza sua irmã uma pensão de cem mil cruzados annuaes. Durante as guerras da Independencia tal pensão não foi paga. As côrtes, porém, em 1822, lh'a restituíram, e fizeram justiça ás suas virtudes e patriotismo.

Apesar do ambiente em que sempre viveu, rodeada de pessoas avessas ás idéas liberaes, não se mostrou contudo D. Maria Benedicta contraria ao regimen constitucional; pelo contrario, assistiu officialmente, em 30 de outubro de 1826, á abertura solemne das côrtes, convocadas segundo a carta constitucional outorgada por D. Pedro IV, no Rio de Janeiro, em 29 de abril d'esse mesmo anno, e festejou vivamente a infantia D. Isabel Maria, regente d'estes reinos.

Derrobada a constituição em 1828 e aclamado rei D. Miguel, voltou D. Maria Benedicta de todo á vida privada, dedicando-se exclusivamente á sua grande obra de Runa, a cujos trabalhos havia dado vigoroso impulso desde o seu regresso a Portugal. Alli ia com frequencia a princeza passar mezes todos os annos, dirigindo e activando as obras; lá recebeu a visita de D. João VI, em uma occasião que regressava das Caldas.

Era D. Maria Benedicta dotada de grande amabilidade e muito sociavel, tratando todos com esmerada affabilidade. No seu retiro de Runa convivia com as familias que se achavam na vizinhança, e, dando largaz á sua caridosa bondade, soccorria prodigamente muitos desgraçados, que n'ella encontravam benefico e consolador acolhimento.

A 25 de julho de 1827, dia em que a princeza completava 81 annos, se fez a inauguração solemne do asylo dos invalidos de Runa, assistindo a fundadora e muitas pessoas da côrte e das vizinhanças. Foi um grande dia de jubilo para Maria Benedicta. Tinha o vulto sympathico da velha princeza o aspecto seraphico de uma santa; seus pathicos e leados cabellos lhe formavam ao venerando rosto um celestial aureola; seu sorriso era amoravel e gracioso; por suas mãos, com cuidado e affabilidade, serviu os dezeseis invalidos alli recolhidos, distribuindo-lhes no refeitório o jantar como mãe terna e carinhosa que era para elles. Com tanto afan a princeza se entregou á inauguração do seu grande instituto que quasi lá desfallecendo.

A princeza D. Maria Benedicta conservou-se sempre estranha ás incessantes intrigas e conspirações, que agitaram o paço e a côrte, durante a regencia e reinado de D. João VI. Sua natural benevolencia rante a regencia e reinado de D. João VI. Sua natural benevolencia rante a regencia e reinado de D. João VI. Sua natural benevolencia rante a regencia e reinado de D. João VI.

Maria Benedicta sobreviveu só dois annos á inauguração do asylo de Runa; não chegou a completar a cupula ou zimbório da igreja, que ficou mesquinho e desarmonisa com o grandioso do edificio. A despeza total excedeu 600:000\$000 réis.

Preparava-se a princeza no mez de agosto de 1829 para ir passar alguns mezes no seu estabelecimento de Runa, quando uma curta doença a levou d'esta vida, no palacio da Ajuda, em 18 de agosto de 1829. Foi sepultada em S. Vicente de Fóra, no jazigo da familia de Bragança.

Tinha D. Maria Benedicta feito testamento, em que deixava ao hospital de invalidos quasi todos os bens de raiz e acções que possuía, bem como tudo o que estava dentro do edificio e capella, incluindo a bella e rica custodia de que já fallámos. O resto da herança foi distribuída em legados pios e por todas as pessoas da familia real, sendo a mais contemplada a infantia D. Isabel Maria, como regente que era na época em que fóra feito o testamento.

Em virtude dos legados recebidos da princeza ficou o asylo de Runa com um rendimento de perto de 9:000\$000 réis, provenientes dos seguintes valores: Commenda de S. Thiago de Beduído; apolice de 26:070\$000 réis com o juro de cinco por cento ao anno; título de dívida publica de 11:999\$960 réis; duas acções da companhia dos vinhos do Alto Douro no valor de 800\$000 réis; as quintas de Runa, Enchara do Bispo e da Amora com os seus annexos.

A legislação liberal que supprimiu os rendimentos das commendas, e o não pagamento dos juros da chamada dívida mansa, affectaram consideravelmente a receita do asylo dos invalidos de Runa. Posteriormente tem o estabelecimento de Maria Benedicta recebido maior protecção do governo. Parte dos bens do asylo tem sido desamortizada e convertida em inscrições de tres por cento. No orçamento do ministerio da guerra para o anno economico de 1877-1878 acha-se calculada a receita do asylo dos invalidos militares de Runa em 3:613\$725 réis, sendo 1:016\$225 réis de fóros e rendas de predios, e 2:599\$500 réis de juros de inscrições e dividendo eventual de acções da companhia de vinhos do Alto Douro. No mesmo orçamento a verba votada para a despeza do asylo é de 44:342\$765 réis.

F. BENVIDES.

O GALLO PRETO

(A JOÃO DE DEUS)

Havia d'antes em Penajoia — terra que ninguém é capaz de ver no mappa geographico de Portugal — uma aula regia de primeiras letras.

A aula era n'uma casa de um só andar, rente do chão. Ficava no meio de uma clareira, e tinha ao lado dois grandes soveiros, que a abrigavam do sol, no estio, e que rangiam, no inverno, quando sopravam as rajadas do nordeste.

Os alumnos entravam ás oito horas da manhã, saíam ao meio-dia, para jantar; e voltavam depois ás duas horas, para saírem ás cinco da tarde. Alguns d'elles vinham de longe, meia legua, tres quartos de legua de distancia. Eram todos pequeninos e pobres. Saíam ao romper da manhã de suas casas, com o livro debaixo do braço, e a louza das contas pendente de um cordão, lançado a tiracollo. No caminho, os que vinham de mais longe, iam-se reunindo aos condiscipulos que encontravam; jogavam ao botão, ou, se era tempo, trepavam aos castanheiros para cruelmente roubarem os ninhos dos melros e verdelhões.

O mestre, que tinha sido um valente cabo de milicianos, era um velhote rabujo, de pellos nas orelhas, e que pouco mais sabia do que os alumnos, que ensinava.

Um dia perguntei-lhe eu:

— Diga-me cá, sr. Joaquim, que methodo adopta?

— Que methodo?! exclamou elle, estranhando a pergunta. E depois, levantando as sobrancelhas, e com as sobrancelhas os olhos, fitou-me desconfiado, e respondeu com ar solemne:

— Adopto o methodo do Achilles (do *Axiles*, foi como elle disse).

Mas, a despeito de tudo isto, era um tyranno, como o são quasi todos os ignorantes.

A aula, como já disse, ficava ao rez do chão. A luz entrava por duas frestas, que ficavam acima dois palmos da cabeça de um homem; porque assim era preciso — explicava o mestre — para que os rapaziños se não distrahissem, a olhar para fóra. Ao fundo da sala ficava uma mesa de pinho e uma cadeira, que era o lugar do mestre. Depois seguiam-se bancadas de pau, collocadas como uma platea, duas a duas, deixando ao meio um intervallo, por onde entravam os alumnos; e quando todos tinham entrado, por onde passeiava gravemente o professor, com o livro n'uma das mãos, e na outra um junco.

Os pequenos, assim que se aproximavam da aula, lupallideciam.

E antes de entrarem, quem ali passasse, via-os muitas vezes ainda a reptirem a lição, trémulos, enfiados e com a mesma coragem de quem tem de subir a uma forca!

O Gabriel era ainda um pequenote de sete annos. Morava ao pé do abbade. E o abbade, que era um santo velhinho, é quem muitas vezes lhe ensinava a lição. Por isso, e como o pequeno era esperto — ni! diziam os conhecidos, o Gabriel? esperto como um alho! — era o Gabriel que quasi sempre ensinava a lição aos outros.

— Como se lê esta palavra, Gabriel? dizes-me? pedia-lhe de uma vez o João do moleiro.

— Soletta lá.

E principiou o outro:

— *P-h-i, pi.*

— Qual *pi*? Também eu cuidava! *P-h-i, fi*; emendou o Gabriel.

— *Fi*! exclamou o João. *Fi*! Pêta! Tu enganas-me, Gabriel.

— Não engano, João; lê *fi*, que foi como me ensinou o sr. abbade. N'isto, chegou á porta da aula o mestre.

Vinha a palitar-se, e com a face e orelha direita mais vermelhas, porque tinha dormido a sesta.

Chegou á porta e gritou:

— Ganzuada, salta para dentro!

E lá entraram todos, de chapusinho na mão, cheios de medo, como um rebanho de ovelhas a entrar para um matadouro.

Assim que o mestre tirou o livro da gaveta, em seguida a palmatoria, e depois o lenço escarlata, de chita, fez-se um silencio lugubre na sala.

— Lê tu, João — principiou elle.

O João do moleiro foi lendo, mas cada vez que se ia aproximando da terrivel palavra, ia-lhe faltando o animo.

Dizer que *P-h-i* diz *fi*, que temeridade! Emfim continuou irremediavelmente:

— *E como a sciencia chamada... chamada...*

E ergueu supplicante os olhos para o verdugo.

O mestre tossiu para se dar ao respeito, e bradou:

— Lê para bal-xo, me-ni-no — accentuando as syllabas com um sorriso ameaçador.

— *Chamada* — continuou o pequeno indeciso, *chamada...* e terminou em tom mais baixo, com a incerteza de quem não sabe o que diz — *Philosophia*.

— Como? bradou o mestre, descarregando-lhe com o junco pelas orelhas. Como?

O pequeno fechou os olhos, encolheu os hombros, e emendou a chorar:

— *Pi-lo-so-pi-a.*

O professor descarregou segunda juncada, e berrou:

— *Pilosopia*, burro, *pilosopia*!

— *Pilosopia*, repetiu o pequeno.

Apenas o João do moleiro disse a palavra, levantou-se o Gabriel do seu lugar, e declarou com a voz serena, e com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos:

— Sr. mestre, quem ensinou a dizer assim ao João do moleiro fui eu.

Oh! que escandalo, Santo Deus! O mestre ergueu-se de golpe. Os discipulos tremiam como varas verdes; e os mais pequenitos até choravam! Podéra! O que iria acontecer, Nossa Senhora? O mestre ia correr tudo a bolaria, não ha duvida.

— O que é lá? — gritou o mestre Joaquim com uma voz convulsa. O que é?

E ficou a olhar para o Gabriel, inclinando com o indicador o pavilhão da orelha direita.

— Fui eu, que ensinei assim — repetiu o Gabriel assustado.

— Vem cá — chamou de afogadinho o mestre — já aqui, seu atrevido. E bateu com a palmatoria na mesa. O Gabriel poisou o livro no logar e aproximou-se.

— Aqui, já.

O mestre descarregou-lhe nas mãos tenras, meia duzia de furiosas palmatoadas.

Foi muito bem feito! Apre! Ofender a sabedoria do seu mestre!

De uma outra vez, de tarde, aconteceu passar o abbade pela aula do mestre regio. Fôra ouvida-se uma gritaria, que eu sei lá! parecia que o mundo ia acabar.

À porta da aula estavam tres pobres mulheres, cada uma com um filhinho no collo.

— Ah! vem o sr. abbade — disse uma d'ellas. Vamos pedir-lhe, mulheres. Aquillo foi Nosso Senhor que o trouxe por aqui.

Abeiraram-se do abbade, e imploraram-lhe que fosse elle pedir ao mestre que perdoasse por esta vez aos rapazinhos.

— Então o que aconteceu? — perguntou o reitor.

— Quem sabe lá, sr. abbade. Elles berregam, que parece que os matam!

— Se eu já até ouvi o meu Manoel, que é tam fraquinho!

— E o meu João, sr. abbade, que tam doentinho tem andado.

— E o meu José! aquelle que foi este anno a primeira confissão, sr. abbade; sabe?

O abbade dirigiu-se à porta e bateu.

— Quem é? — perguntou de dentro a voz aspera do mestre.

— Abra, mestre Joaquim, faz favor?

O abbade entrou. Para os pequenos foi como se vissem a Providencia.

— Então o que lhe fizeram estes mariolas, sr. Joaquim? — perguntou o abbade, olhando em roda para os alumnos.

— O que me fizeram? Roubaram-me dois lapis!

— Oh! que grande peccado! — exclamou o abbade, arregalando os olhos.

— E é que nenhum confessa — explicou o mestre. E bradou, voltado para os pequenos: nenhum confessa, mas eu ra a i zo-os, aqui, todos.

O abbade pôz-lhe a mão no hombro e serenou-o dizendo-lhe:

— Pois se nenhum confessa, é o mesmo; que vamos já saber quem foi. Espere ahí que volto já.

Sain o abbade, e passados instantes entrou na aula, precedido de uma rapariga.

Aproximou-se da mesa e disse:

— Põe tudo aqui em cima, Josephinha. Assim. Agora vae-te embora.

A pequena poisou uma panella de folha, e tirou debaixo do avental um gallo preto. O abbade mettu o gallo dentro da panella, cobriu-a com o testo, e principiou assim:

— Fez-se um grande peccado! Roubaram um lapis! Quem rouba um lapis, é muito capaz de roubar tudo! Meus filhos, um de vós commetteu o crime; e não o confessa por vergonha. Ora, por causa d'aquelle que roubou os lapis, vão padecer todos os mais. Ah! teem! Em vez de só fazer um peccado, que Nosso Senhor lhe perdoava, se o confessasse e se arrependesse, vae commetter muitos: faltar á verdade, que é tão feio, e depois deixar que os outros soffram injustamente.

Os pequeninos ouviam o abbade com religiosa veneração.

O abbade proseguiu:

— Não de vir todos, cada um por sua vez, pôr a mão sobre esta panella. O gallo preto ha de cantar logo que sinta sobre o testo a mão criminosa do que roubou o lapis. E fica assim conhecido o ladrão; o



— PILOSÓPIA, BURRO! PILOSÓPIA!

(Illustração de M. de Macedo ao conto de Alberto Braga — O Gallo Preto)

o sr. mestre Joaquim ha de castigá-lo, e eu não o quero ver mais. Ora, torne a dizer, se confessar está perdoado.

Na aula, silencio profundo.

— Nenhum se accusa? disse o abbade. Venha o numero 1.

Foi o numero 1 e poisou a mão sobre o testo. O gallo não cantou.

Foi o numero 2, foi o numero 3 e chegou até ao numero 4.

Antes de chegar a vez ao numero 5, todos os olhares convergiram para um canto da aula, d'onde partiam uns soluços afflictivos.

— Quem chora ahí? — perguntou o abbade.

Ergueu-se o Eusebio da *Entre-cada*.

Era um pequenino de oito annos, muito pobresinho, com um palmito de cara que estava mesmo a pedir pio.

Era um cinco réis de gente, o Eusebio.

— É o da *Empregada* — explicou o do Moleiro.

— Anda cá, menino — chamou o abbade —; anda cá. Tu porque choras?

O pequeno aproximou-se para justificar as suas lagrimas, mostrou ao reitor os dois lapis roubados.

— Ah! fostes tu, Eusebio?!

E Jesus! O pequeno chorava que era um dô do coração! E nem podia responder; apenas acenava.

— Então foste tu. — E, olha, para que os tiraste?

— É que o sr. mestre — balbucion o criminoso — disse-me que trouxesse eu um lapis, e eu não quiz pedir o dinheiro á minha mãe, que está *empregadinha* na cama, e nem tem dinheiro para o caldo. E depois com medo de que o sr. mestre me batesse...

— Pegaste n'um lapis. Foi assim? — concluiu o parochó.

— Foi, sim, senhor.

— Mas tu tiraste dois!

O pequeno desaton a chorar.

— Para que tiraste dois? insistia o padre.

— Era que — explicou o Eusebio — para quando se acabasse um!...

O mestre estava já de palmatoria prompta.

— O Eusebio estendeu resignado a mãosinha trémula.

— Basta — terminou o abbade. Eu prometti que se perdoava a quem confessasse. Para outra vez, querendo alguma coisa, vae-me pedir, ouviste? Que eu não tenho tempo de saber o que vos falta. Ora vae para o teu logar, e promette que não tornas a fazer outra.

O mestre Joaquim *sentiu muito* não applicar o correctivo.

— Deixe lá, sr. Joaquim — dizia-lhe o abbade. É preciso muita misericordia para tratar as creanças. Lembra-se do que dizia Jesus: *Sinit parvulos venire ad me.*

O mestre, que não sabia latim, mas que diante do curso] quiz occultar a ignorancia, respondeu a sorrir com ares de quem percebia:

— *Et cum spiritu tuo!*

ALBERTO BRAGA.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Sem causa entre dentes trancas
A grande arte das batalhas.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6